

Mário de Andrade, leitor dos parnasianos: estudo e formação do crítico

Ligia Kimori

Resumo

As bibliotecas de escritores, vasta fonte para pesquisas no âmbito da crítica genética e da literatura comparada, são espaços do diálogo destes especiais leitores com autores ali presentes e conservam caminhos da criação possíveis de serem recuperados. As marcas deixadas nas margens pelos leitores-escritores nos dão indícios de seu trajeto e apontam para a forma de tratar determinadas questões. O manuscrito presentifica a criação e o trabalho no espaço do texto impresso: os autógrafos duplicam a natureza do livro, anulando a imagem de texto pronto pela inserção de um discurso paralelo. O estudo dessa marginália nos parnasianos conduz às preocupações estéticas de Mário de Andrade e à análise de sua recepção, apontando a valorização de soluções poéticas, passíveis de serem reconhecidas como apropriação, em poemas do pré-modernista e do modernista de *Pauliceia desvairada*. A análise e interpretação desse diálogo intertextual do leitor-escritor com os parnasianos brasileiros e franceses, materializado em suas leituras e em sua marginália, diálogo esse refletido em sua obra publicada e inédita, bem como em sua epistolografia, revela um número expressivo de notas de leitura que se ligam à estrutura dos poemas, de soluções estilísticas, da versificação, da sonoridade na construção da frase e ao estudo do vocabulário, praticado por um poeta contestador, mas também interessado em enriquecer a própria poesia: alimenta projetos em andamento, reserva elementos para construir caminhos. Esses vestígios dão acesso ao crítico em formação, que esboça percepções agudas de leitura ou breves pareceres, material a ser esmiuçado através da biblioteca, memória da escritura, que deixa entrever escolhas. A pesquisa, ao trabalhar as ligações de Mário de Andrade, conhecido à saciedade como modernista, com o parnasianismo, desvela uma faceta do escritor até o momento não visitada diretamente pela crítica.

Palavras-chave:

Mário de Andrade; parnasianismo; biblioteca de escritores; marginália

1 Doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, bolsista Fapesp. E-mail: lilofr@gmail.com.

A produção de Mário de Andrade polígrafo (1893-1945) deve, certamente, incluir o vasto e praticamente incomensurável trabalho do escritor-leitor, presente na marginália que enriquece a biblioteca por ele reunida desde a juventude, nos anos de 1910, até o final da vida. A biblioteca de Mário de Andrade compreende duas coleções.

A primeira é a que participa do Acervo integral do poeta da Pauliceia, ao lado do Arquivo e da Coleção de Artes Visuais, também por ele constituídos, acervo que, em 1968, ingressou no patrimônio Instituto de Estudos Brasileiros, na Universidade de São Paulo (IEB/USP). Essa biblioteca, hoje integralmente processada, compõe-se de livros, periódicos, folhetos, separatas e partituras, em um total de 17.624 títulos; estende-se por diversas áreas do conhecimento e se mostra em vários idiomas.

A segunda, atualmente com 441 títulos, advém da doação de 600 títulos tirados pelo próprio Mário de Andrade de suas estantes, em 1943, na campanha destinada a dotar Araraquara de uma biblioteca pública². Nessa cidade do interior paulista, viviam parentes e amigos seus; ele ali escrevera uma versão do seu *Macunaíma*. A parcela doada exibe basicamente livros; torna-se preciosa na medida em que conserva, com marginália, obras dos poetas românticos e dos parnasianos do Brasil e da França – Félix Pacheco, Hermes e Martins Fontes, Leal de Souza, Luis Guimarães, Ricardo Gonçalves, Villier de L'Isle Adam, Sully Prud'homme, Théophile Gautier.

Em minha dissertação de mestrado, *Os mestres no passado: Mário de Andrade lê os parnasianos brasileiros*, realizada com bolsa da FAPESP, tendo como orientadora Telê Ancona Lopez, recolhi, classifiquei e analisei o diálogo intertextual de um leitor que constrói, pouco a pouco, sua evolução de crítico até o modernismo. Restringindo-me à biblioteca desse leitor no IEB-USP, procurei compreender, na farta marginália aposta a doze obras parnasianas, da autoria de Francisca Júlia, Raimundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e Vicente de Carvalho, os fundamentos da série de sete artigos

² Dados obtidos durante levantamento realizado na Biblioteca Pública Mário de Andrade, em Araraquara. Para informações mais precisas, vide KIMORI, Ligia Rivello Baranda. *Os mestres no passado: Mário de Andrade lê os parnasianos brasileiros*. Dissertação de mestrado com bolsa da FAPESP no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira. FFLCH-USP, 2014; orientadora: Prof.^a Dr.^a Telê Ancona Lopez.

“Mestres do passado” (BRITO, 1971, p. 254-309) defesa circunstanciada das ideias modernistas que ele levou ao paulistano *Jornal do Comércio*, em 2, 12, 15, 16, 20, 23 de agosto e 1º de setembro, 1921. As anotações – traços e cruzetas à margem de trechos, comentários sobretudo no rodapé –, ligam-se à análise da estrutura dos poemas, ao destaque de soluções estilísticas, de procedimentos de versificação, da sonoridade na construção da frase e ao estudo do vocabulário. Percebe-se que o escritor-leitor alimenta projetos de ordem crítica, estuda e discute poesia.

A consciência da apropriação por parte dos artistas vê-se aludida pelo crítico que percebe os meandros da criação neste comentário apostado a grafite à parte II do poema “Velho tema”, de Vicente de Carvalho:

(1) Vicente esculpa-se no fim do livro, em nota apenas, do apropriar-se do verso de Camões; e pune-se do delito transcrevendo o soneto célebre... Mas para os poetas da envergadura do A[utor] não ha tal precisão de muletas. Bastassem-lhe as pernas válidas.

Essa marginália de Mário descobre forças motrizes parnasianas, valoriza inovações no verso, admira as aliterações e assonâncias bem elaboradas, sinaliza as escolhas de cada poeta, discute a estrutura dos versos. O livro torna-se, para ele, arquivo de descobertas, sujeitas a aplausos ou a censuras e, dessa forma, as marcas autógrafas constituem formas de dialogar com a matéria impressa.

Atualmente, amplo, para o doutoramento, o escopo do meu mestrado. O conjunto de obras parnasianas, anotadas ou não por seu especial leitor, *corpus* da minha pesquisa, volta-se para os trinta e cinco títulos de dezenove poetas brasileiros e franceses, editados entre a segunda metade dos anos de 1910 até a década de 1930, volumes no IEB-USP e na Biblioteca Pública Mário de Andrade de Araraquara. A análise e a interpretação dessa leitura e dessa marginália buscam estabelecer as preocupações literárias de Mário de Andrade em sua recepção dessa escola que tanto marcou a nossa literatura.

Por hora, cabe adiantar que Mário de Andrade não apenas analisa: aprende e apreende formas. A aquisição de técnicas mostra-se como um contraponto ao verso moderno. No entanto, proporciona ao leitor-escritor a conquista do verso livre, mediante

o trabalho com as estruturas, à observação da construção do poema – elementos cruciais que insuflam seu ideário estético e ajudam a delinear certa concepção de poesia – dando margem a possibilidades impares. No poeta modernista Mário, residirá, então, a clareza de que “o verso livre não representava a ausência de técnica, e sim uma nova técnica”, como lembra o professor Paulo Henriques Britto (2014, p.29).

E não se pode esquecer que, na vertente do diálogo intertextual, o lápis do leitor jovem testemunha a impregnação do poeta que cria, na folha de falso-rostro dos *Versos da mocidade*, de Vicente de Carvalho:

Estes meus versos sem valor sem brilho
São meus versos enfim, nada me acalma
mais do que lê-los no viver que trilho
São o reflexo ardente de minha alma
Estes meus versos sem valor sem brilho
São pálidos, embora... eu os adoro
São maus, mas são um bálsamo um conforto
Quando neles transponho no papel a dor que choram!
Um pedaço da vida que eu transporto
São pálidos embora... eu os adoro
Deixe oh mundo que eu ria e sonhe em verso
As ilusões que a vida não suporta
E enquanto eu percorrer-te o teu trilho adverso
São eles maus, não pálidos que importa!
Deixe oh mundo que eu ria e sonhe em versos
Os sonhos dourado que eu tracei na terra
Foram-se uns após outros pouco a pouco sem cessar (apud ANDRADE,
2013, p. 221)

No esforço de se construir poeta, estuda com determinação as lições de versificação, escondidas nos versos parnasianos, mas reveladas pelo seu lápis do leitor que reconhece elementos fundamentais nos textos, no esforço de captar elaborações literárias e linguísticas dos parnasianos

Nessa criteriosa e diligente leitura presa à análise dos parnasianos, materializada na marginália, firma-se o estudo de estruturas, da versificação, do vocabulário, da sonoridade praticado por um poeta contestador, mas também interessado em enriquecer a própria poesia.

É, sem dúvida, importante para a compreensão dos caminhos de Mário de

Andrade moderno e modernista, o conhecimento de seu diálogo de crítico e de artista com os parnasianos, quando em sua leitura ele os examina com vagar e dimensiona uma estética que ainda vigora em seu tempo, mas que vai sendo por ele percebida como estética do passado. Passado também seu de poeta moderno.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

BRITTO, Paulo Henriques. “O natural e o artificial: algumas reflexões sobre o verso livre”. *Elyra – Revista da rede internacional Lyracompoetics*, nº 3, 2014.

CARVALHO, Vicente de. *Versos da mocidade*. Porto: Livraria Chardon, 1912. (Notas MA).